
3 1761 06565400 6

INFLUENCIA DOS DESCOBRIMENTOS

DOS

PORTUGUEZES

NA

Historia da Civilisação

CONFERENCIA

REALISADA NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

No dia 26 de Novembro de 1897

POR

Z. CONSIGLIERI PEDROZO



LISBOA
A LIBERAL, Officina typographica
216, RUA DE S. PAULO, 216

1898

José Antonio de Freitas
homenagem de
estima e consideração de
um seu admirador.
Consiglieri Pedroso

NFLUENCIA DOS DESCOBRIMENTOS
DOS
PORTUGUEZES NA HISTORIA DA CIVILISAÇÃO

INFLUENCIA DOS DESCOBRIMENTOS

DOS

PORTUGUEZES

NA

Historia da Civilisação

CONFERENCIA

REALISADA NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

No dia 26 de Novembro de 1897

POR

Z. CONSIGLIERI PEDROZO



LISBOA
A LIBERAL, Officina typographica
216, RUA DE S. PAULO, 216

1898

A' memoria

de

Uma querida morta [1]

Ora e per sempre addio,
Sante memorie...

(1) Minha mãe, fallecida no dia 29 de dezembro de 1897.

Minhas senhoras e meus senhores:

Convidado pela amabilidade da illustre commissão executiva para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, a occupar hoje este logar, cumpre-me, depois do meu amigo Magalhães Lima, fallar-vos tambem não sómente ácerca da opportunidade d'esta celebração, mas ainda e sobretudo a respeito do significado do acontecimento que a presente conferencia é destinada a explanar perante o brilhante auditorio, que me escuta.

Antes, porém, de encetar o thema que propositadamente escolhi, como introducção geral ás conferencias que vão seguir-se, seja-me licito em muito breves palavras reduzir ás suas verdadeiras e modestas proporções o titulo da minha these, o qual sem explicação prévia poderia parecer vaidoso ou pelo menos ousado em demasia.

Eu não venho, meus senhores, tentar sequer n'este momento apresentar-vos o esboço de uma historia da influencia dos descobrimentos dos portuguezes na civilisação geral da Europa. Seria tal tentativa absolutamente fóra de proposito. Nem m'o consente a escassez do tempo, limitado por conveniencias que é inutil relembrar, nem m'o permittiria a falta de erudição necessaria para levar a cabo tão delicada tarefa. A' propria palavra, pallida e descolorida

perante o arrojo de semelhante responsabilidade, não poderia eu pedir os tons indispensaveis para desenhar com as devidas côres o quadro extraordinario e maravilhoso, que tem de contar a evolução d'esses quatro seculos — do XV ao XIX — evolução verdadeira, quasi actual, porque, póde dizer-se, mesmo no seu inicio pertence á historia de hontem, mas lendaria, quasi inverosimil, pelos successos que a inauguram ao tombar da meia Edade.

Não ha, com effeito, em periodo algum da historia universal quatro seculos como esses, em que pela primeira vez, livre de todas as peias, levantando-se ás mais inesperadas alturas, a civilisação moderna a passo accelerado se lançou pelo caminho aberto perante ella, graças aos heroicos feitos dos navegadores lusitanos. O que de então para cá se passou no dominio da sciencia, da arte, da industria, e da economia politica; as profundas modificações que a partir d'essa epocha solemne revolucionaram as relações commerciaes entre o Oriente e o Occidente; o deslocamento do centro de attracção, em torno do qual gravitavam as velhas hegemonias da Europa; o advento á vida politica nas differentes nações do nosso continente de novas camadas sociaes; tudo isso que constitue a radiante mas laboriosa génese do mundo contemporaneo, constituiria o assumpto não de uma simples conferencia, mas de muitas, as quaes ainda assim haviam de ser insufficientes para tão complexa exposição.

E' em vão que eu percorro, uma por uma, as epocas mais celebres da vida da humanidade, tentando encontrar em qualquer d'ellas espectaculo que se approxime do que apresenta o nosso paiz n'essa edade memoravel, quando os oceanos, vencidos por tanta audacia, deixam passar, subjugados e atonitos, as caravellas portuguezas, que os atravessam impavidas em demanda das ignoradas regiões do Oriente.

Teve a velha Asia, não ha duvida, grandes capitães e afamados conquistadores, cujo renome perpetuado no granito, que desafia os seculos, passou de geração em geração, enchendo o mundo de espanto. Mas o que são um Sesostris, um Thutmés, um Senacherib, um Sargão, um Nabuchodonosor, um Cyro ou um Artaxerxes, ao lado do Infante D. Henrique, do Gama ou de Affonso de Albuqueque? O que é e o que vale a obra amaldiçoada d'esses destruidores de vidas e de riquezas, cujas hordas victoriosas só deixavam após si a morte e a desolação, comparada com a obra radiosa dos nossos marinheiros, conquistadores e apostolos a um tempo, igualmente soldados e missionarios, mas soldados que maior gloria ganharam luctando contra os elementos do que combatendo contra os homens — missio-

narios do luminoso exercito que em nome da civilisação christã ia impôr a suzerania da culta Europa da Renascença aos barbaros continentes recem-descobertos?

Ufana-se a Grecia dos seus argonautas, os quaes atravez de mil peripecias aventurosas e de mil legendarios perigos realisaram a viagem da Colchida, em busca do velocino de ouro. Mas o que vale Jasão e a mythica Odysseia dos navegadores hellenicos, embora engrandecida pela exagerada phantasia da mais imaginosa e poetica de todas as raças, ao lado da Odysseia real e fecunda em tantos resultados positivos dos nossos destemidos mareantes?

E n'este parallelo, inteiramente favoravel para nós, quer se trate de estabelecer o confronto com as viagens que a antiguidade phenicia ou grega realisaram, quer chamemos para termo de comparação mesmo as que os mais notaveis navegadores modernos ousaram levar a cabo, não ha illusão de patriotismo que nos cegue. A historia, serena e imparcialmente estudada, não diz outra cousa.

Por isso a minha intenção é limitar-me hoje apenas a apontar, em palavras brevissimas, os factos mais importantes e as consequencias de maior vulto, que dos descobrimentos do seculo XV advieram para a historia da civilisação geral, accentuando o que, em meu entender, n'estas consequencias mais digno se me affigura de menção.

Bem sei, minhas senhoras e meus senhores, que ha infelizmente no nosso paiz quem faça opposição a que se celebre este centenario. Refiro-me, é claro, tão sómente áquelles que de boa fé e sinceramente, embora escudados em razões especiosas ou futeis, combatem a opportunidade da celebração. Aos outros, que por inconfessaveis motivos — mesquinhos despeitos, pequeninas invejas, e doentias rivalidades — procuram impedil-a com uma propaganda que é já hoje o melhor castigo que pôde ter o seu anti-patriotico procedimento, nem quero mesmo alludir, seguindo n'este ponto o preceito que o grande florentino aconselhava para com algumas sombras, desprovidas de qualquer interesse ou importancia, que vagueavam por certos circulos do seu inferno:

Non ragionam di loro, ma guarda e passa...

A celebração do quarto centenario da descoberta da India, diga-se bem alto, não significa a exhibição vaidosa de uns velhos pergaminhos nacionaes, que por si sós nada valem já, attenta a sua nulla

influencia sobre a hodierna civilisação; mas pelo contrario representa o acordar consciente de um povo, que não esquece a recordação das glorias que lhe esmaltam os annaes, encontrando n'esta recordação o estimulo para o levantamento do seu espirito abatido, é verdade, por mil provações, mas disposto a reagir contra os revezes que o tem acabrunhado, e a lançar-se de novo no caminho da restauração a que lhe dá direito o seu passado historico.

Estamos atravessando um máo quarto de hora, não ha duvida. Mas qual é a nação, que os não tem atravessado analogos?

Todos os grandes potentados da terra obedecem á mesma lei fatal e superior — descair em collapso mais ou menos prolongado, depois de haverem attingido as culminancias da missão historica, que lhes foi incumbida. O que é preciso é que similhante collapso se não converta em occaso definitivo.

E por isso mais indispensavel se torna, que n'estes tristes periodos de declinação a alma nacional se retempere no espectaculo suggestivo das grandezas de outr'ora, sem desvanecimentos que a enervem, mas com o enthusiasmo bastante para galvanisar o nosso corpo social adormecido por tres seculos de decadencia. E foi sempre este o segredo da resurreição dos povos, que não se deixaram morrer n'uma condemnavel apathia, e que pelo seu esforço viril poderam vêr rebrilhar de novo os grandes dias da prosperidade, que parecia tel-os abandonado de vez.

Foi no captiveiro de Babylonia, opprimidos e mesquinhos, vagueando sem templo e sem patria pelas margens inhospitas do Euphrates, que os hebreus evocaram á voz de um dos seus maiores prophetas e nas leituras da sua Biblia santa a inolvidavel recordação do reinado de David, que os havia de manter unidos e fortes, á espera dos novos destinos que lhes estava'm annunciados. E foi egualmente no nosso captiveiro — de 1580 a 1640 — que nós, os portuguezes, dominados pela oppressão castelhana, sem patria como os filhos de Israel, porque sobre a nossa terra tremulava a odiada bandeira dos Philippes, soubemos evocar tambem as paginas da nossa edade de ouro, que refulgia como uma esperança sempre viva nas estrophes dos *Lusiadas* — a Biblia da nacionalidade portugueza — e fizemos d'esta evocação o estandarte da revolta contra o jugo estrangeiro.

O mesmo aconteceu ainda n'este seculo com a reviviscencia de duas grandes nações, não menos provadas pela desgraça e açoutadas pela má sorte do que a nossa. Refiro-me á Italia e á Allemanha.

Foi em Novara, isto é, n'um dos mais dolorosos passos do seu

calvario, que a patria de Silvio Pellico e Mazzini cobrou o vigor necessario para continuar a lucta, que ao cabo de tantos sacrificios a havia de libertar.

E foi em Jena, com a bandeira espesinhada e o soluço angustiado de seus filhos abafado pelo nitrir dos cavallos do exercito invasor, que a Prussia de Stein e de Hardenberg se preparou para a desforra de Leipzig, que não era mais do que o prologo de outras desforras maiores.

Como nos teriamos nós emancipado em 1640, apagando da fronte o ignominioso ferrete de 1580, se a nossa fé patriotica se não houvesse mantido accesa no fogo das gloriosas tradições do grande seculo? Como poude a Italia, a não ser pela recordação dos seus heroismos passados, constituir a unidade, que lhe conquistou o solo, e alcançar a liberdade, que lhe deu a carta de alforria entre as nações? E não foi tambem pedindo inspiração e alento á memoria dos heroes epicos das suas lendas e ás paginas gloriosas da historia da sua extincta grandeza, que a Allemanha de Schiller e de Fichte se poude livrar das garras da aguia napoleonica?

E' por isso, que a celebração do centenario da India, além de ser justa homenagem á memoria da geração que deu a immortalidade na historia ao nome portuguez, se me affigura ainda um opportuno protesto contra os que — tristes Cassandras — não cessam de repetir que a nossa missão civilisadora está finda, e que nada mais nos resta do que entoar sobre as ruinas da derrocada presente o threno dolorido do nosso inglorio passamento.

Ainda que não seja senão para desmentir esta funebre predicção, é bom acto patriotico, em que todo o portuguez deve collaborar, esforçando-se por dar o maior brilho possivel á festa que se prepara.

Ha por ora infelizmente alguns que não comprehendem o transcendente alcance d'esta celebração?

Pois procuremos nós explicar-lh'o, pondo bem em relevo o que foram os descobrimentos do seculo xv, e o que lhes deve não sómente Portugal, mas a civilisação da Europa e do mundo.

A' Europa não é preciso dizel-o, porque ha quatro seculos que ella não cessa de o affirmar. Na brilhante conferencia, que iniciou esta serie, contou-nos o sr. Magalhães Lima, as adhesões que ao movimento da celebração encontrára em todos os paizes que percorrera, todos elles unanimes em conceder uma importancia excepcional ao acontecimento, que com perfeita justiça e incontestavel direito o nosso paiz n'este momento memora. Eu posso confirmar aqui as palavras do meu amigo e collega, porque tambem acabo de fazer uma

viagem pela Europa, e em toda a parte — de Paris a S. Petersburgo, das margens do Sena ás margens da Nevá — encontrei a mesma unanimidade no pensamento de cooperar comnosco para celebrar um facto historico, que se a nós especialmente nos pertence pela iniciativa, e tambem dos outros pelos resultados que produziu, os quaes mais e melhor do que nós proprios elles souberam aproveitar.

E com effeito os descobrimentos do seculo XV não importam sómente á historia de Portugal. Teem um interesse portuguez, não ha duvida; mas são tambem de interesse europeu, de interesse universal. As suas consequencias não se fizeram apenas sentir na vida do nosso paiz. Sentiu-as egualmente a Europa, e não póde a ellas esquivar-se o mundo.

E', pois, sob o triplice ponto de vista, — portuguez, europeu e universal, — que nos vamos occupar da obra dos nossos viajantes, os quaes «por mares nunca d'antes navegados», na phrase conceituosa do poeta, fundaram alem dos oceanos esse vasto imperio, cujos restos imponentes ainda hoje são o complemento indispensavel e a natural expansão da patria portugueza.

Comecemos pelo nosso paiz e vejamos n'um rapido relancear de olhos o que aos descobrimentos elle deve. Até D. Affonso III, isto é até meados do seculo XIII, a historia de Portugal cifra-se na dupla lucta, que sustentámos contra o leonez e contra o arabe, — contra o estado que, arrependido da doação que fizera ao conde D. Henrique, procurava por todos os modos rehavel-a, e contra o povo, cuja fé contraria á nossa offendia o espirito religioso da nação, exaltado pelo mytiscimo catholico e pelo enthusiasmo ainda não extincto das primeiras cruzadas á Terra Santa. O arabe expulsámol-o de vez, quando a conquista do Algarve integrou, completando-o, o territorio que d'ahi por diante ficámos habitando na peninsula. O leonez, porém, e o castelhano embaraçaram a nossa menoridade nacional até muito mais tarde, póde dizer-se até ao duello decisivo, de onde havia de saír como o symbolo de Portugal, alfim independente e senhor dos seus destinos, a dynastia do mestre de Aviz.

Ainda assim, não obstante as fortes razões geographicas, historicas e ethnicas, que comnosco combatiam pela nossa independencia, meditemos a serio sobre o que teria sido a sorte de Portugal, se nos tivessemos limitado a viver a vida modesta e sem futuro de um dos muitos estados em que até ao reinado de Fernando e Isabel a Hespanha esteve dividida.

Emquanto a Peninsula, retalhada politicamente, era o theatro do embate das ambições que, cada uma pelo seu lado, aspiravam a exer-

cer sobre as suas rivaes a sonhada hegemonia, não havia grande perigo para o estado portuguez. Alliando-se ora com uma, ora com outra das parcialidades em lucta; procurando naturalmente favorecer a que menos o prejudicava; fazendo pender para a banda que lhe convinha a victoria pela sua opportuna intervenção, diplomatica apenas ou mesmo nos campos de batalha, a situação de Portugal em frente do resto dos estados peninsulares, era senão sempre desafogada, pelo menos vantajosa em determinadas condições. Quando, porém, os differentes reinos da Peninsula pouco a pouco se foram fundindo n'uma grande unidade, cujos contornos formidaveis já começavam vagamente a desenhar-se no horisonte das Espanhas, o caso mudou de figura.

Por maior que fosse a individualidade dos monarchas portuguezes, por mais decidida que se mostrasse a resolução do povo, que habitava este canto da peninsula, de conservar-se independente e separado, quando em vez do leonez, do aragonez ou do castelhano tivesse Portugal a attraíl-o a imponente massa de um reino unico, formado pela união de todos os estados hespanhoes, — facto que se deu no tempo dos reis catholicos, — haveria naturalmente succumbido como os demais, obedecendo á lei tão ineluctavel na politica como na physica, que determina a absorpção do corpo de menores proporções pelo de dimensões maiores.

Madrid passaria a ser o centro de gravidade da peninsula inteira, e á suzerania de Castella teria novamente revertido o antigo condado portucalense, sem razão de existir como nota discordante no grande concerto da unificação da Iberia.

Se isto não aconteceu, se a nacionalidade portugueza continuou a affirmar a sua independencia, até pelo contrario parece que mais avigorada ao lado da Hespanha gigante, foi por causa dos descobrimentos, os quaes dando-nos da outra banda do oceano immensas regiões, ali constituiram novo centro de attracção para o paiz, cuja influencia diametralmente opposta á attracção peninsular, impediu desde então o exito de qualquer tentativa de união entre os dois estados hispanicos.

Foi, com effeito, a existencia e a resistencia das nossas colonias, embora assaltadas por todos os inimigos da dynastia philippina, a verdadeira causa da nossa emancipação no seculo XVII. Um 1640 sem o dominio de além mar que o justifique, não chega mesmo a comprehender-se; assim como não se comprehenderia a teima de uma independencia puramente peninsular, sem a missão de dar um Brazil ao mundo e de abrir a Africa de par em par á civilisação uni-

versal, estando-se ainda especialmente encarregado de ali fundar outro imperio quasi tão florescente e vasto como o que no começo do seculo perdemos nas terras de Santa Cruz.

Assim, pois, a primeira consequencia dos descobrimentos para o nosso paiz, foi a affirmação permanente da sua independencia politica, e a definitiva ruina de todas as velleidades de absorpção por parte da Hespanha. Por não haverem comprehendido esta mudança radical, operada na vida nacional portugueza pelos nossos navegadores e capitães do seculo xv, tiveram os Philippes a inesperada desillusão de verem desfeita como fumo a obra, que elles na sua ignorante prosapia julgavam capaz de desafiar os seculos.

Mas não foi apenas na politica externa de Portugal, que as novas descobertas influiram.

A sua acção na politica interna, propriamente dita, fez-se egualmente sentir de modo bem efficaz. Consolidaram ellas, conforme dissémos, a nossa independencia. Mas no interior constituiram a unidade da nação tambem.

E' o que passaremos a demonstrar, meus senhores.

Faltou a Portugal, é sabido, durante o periodo medieval, a organisação forte e caracteristica de um feudalismo, tal como o tiveram a França, a Allemanha e em grande parte a Inglaterra. O municipalismo romano na sua representação communal, lançou aqui, do mesmo modo que na Italia, mais fundas raizes; ao passo que o elemento germanico, mais distante entre nós da sua origem e mais attenuado pela mistura de elementos extranhos, nunca chegou a possuir no solo portuguez a vitalidade que o distinguiu nas duas nações da Europa central.

No entretanto, em toda a primeira dynastia e em parte da segunda, a força e a unidade do poder central deixavam muito a desejar. Os grandes senhores bastas vezes tinham em cheque a corôa, e o rei era apenas tambem em Portugal o primeiro d'entre os seus vassalos, mas não o unico potentado politico da nação.

Mesmo ao lado dos primeiros chefes da casa de Aviz, o duque de Bragança, com a quantidade de villas, aldeias e castellos, que lhe reconheciam a suzerania; com os numerosos e aguerridos homens de armas, que mais lhe eram exercito para conseguir dominio, do que escolta para realçar honrarias, representava o poder effectivo de reacção da alta nobreza contra a omnipotencia theorica do monarcha, a quem faltavam os meios praticos de fazer obedecida a sua auctoridade.

Similhante estado de cousas conservou-se assim até D. João II.

Este rei, a quem muitos não perdoarão o duplo assassinato, — que outra cousa não foi mesmo o primeiro d'elles — do duque de Bragança e do duque de Vizeu, encarnou em si a desforra do poder central, abatido e quasi reduzido á irrisoria situação de uma realeza de canna verde, contra as soberanias locaes dos barões feudaes portuguezes. Era a corrente dos tempos, bem o sabemos, que, por exemplo, em França fazia por essa epoca adquirir á lucta o seu maximo de tensão, no dramatico duello entre Luiz XI e Carlos o Temerario. Mas como teria alcançado o rei de Portugal encontrar a força necessaria para esmagar o poderio dos seus altivos vassalos, se porventura os descobrimentos, que exclusivamente em proveito d'elle se faziam, não lhe houvessem, por uma opportunidade quasi milagrosa, dado a influencia interna e externa bastante para levar a cabo tão arriscada empreza?

Foram, de um lado a exploração das riquezas dos dominios recentemente conquistados, e por outro lado o accrescimo de prestigio obtido pelos descobrimentos realisados em seu nome, que engrandeceram o poder real entre nós, avigorando-lhe o braço, que havia de despedir o golpe certeiro e decisivo á anterior organisação social.

E assim os nossos navegadores, ao passo que com as prôas das suas galés iam rasgando novos horizontes á civilisação universal, iam tambem consolidando a independencia da patria e completando a unidade da nação. E haverá ainda quem regateie á memoria dos feitos por elles praticados o applauso unanime, que é, á falta de outra moeda, a recompensa com que os povos costumam galardoar os grandes benemeritos da historia?!...

Os descobrimentos do seculo XV teem, além da natural repercussão em Portugal, muito mais vasto alcance. O acontecimento é europeu, e europeias tambem as vantagens, que d'elle resultam — marca para o velho continente uma completa revolução politica, commercial, economica e administrativa. Comecemos pela revolução politica.

Se examinarmos a carta da Europa anterior ao seculo XV e se a confrontarmos com essa mesma carta posterior aos meados do seculo XVI, ficaremos surprehendidos da mudança, que, mais do que nas fronteiras dos estados, na sua importancia politica, em algumas dezenas de annos apenas se realisou.

A hegemonia que até ahi pertencera ás nações mediterraneas — aos turcos, aos italianos de Veneza e de Genova, ao condado de Barcelona, aos filhos de Maiorca e ao pedaço da França tributario de Marselha— passa repentinamente, quasi de um salto, para as nações atlanticas—Portugal, e mais tarde a Hollanda e a Inglaterra.

Era mais um passo n'essa estrada, que, seguindo o curso do sol, tem trazido os povos cultos desde os confins do remoto Oriente até ás praias do Occidente, fronteiras do Oceano.

No começo, com effeito, a civilisação primitiva apparece-nos á beira dos grandes rios — o Nilo, o Indo, o Euphrates, o Ganges e o Hoangho —. São os seus providenciaes iniciadores. Depois, com o cyclo greco-romano o centro de gravidade da terra civilisada desloca-se, e as duas grandes nações do periodo classico, assentando os arraiaes nas margens do Mediterraneo, convertem este mar no doce instrumento do maior e mais brilhante primado politico, que tem governado o mundo.

Foi este primado que a Italia herdou e monopolisou em proveito proprio durante toda a Edade Media, e conjunctamente com a Italia as demais nações ás quaes o Mediterraneo dava, com a riqueza o poderio — o turco do Oriente nas paragens do Levante; o catalão e o malhorquino no extremo Occidente, quasi a debruçarem-se sobre o mar, que ia ser o dominio do novo dianteiro do progresso — o portuguez.

Antes, porém, que os nossos navegadores iniciassem a era da civilisação atlantica, eram as nações, a que nos temos referido, as que dominavam nos conselhos da Europa. Os seus embaixadores — os de Veneza, por exemplo — dictavam a paz e a guerra ás côrtes, onde as suas palavras tinham a força de decretos, e as suas ameaças o relevo de uma catastrophe publica.

Portugal, que dentro em pouco havia de assombrar o mundo com a energia viril do filho de D. Affonso v e com o fausto pomposo de D. Manuel, ainda não tinha visto assomar no horizonte a gloriosa geração de que o infante D. Henrique foi o chefe consagrado. A Inglaterra, fechada nas duas ilhas, que lhe serviam de guarida, ainda não dava signaes de vir a ser o polvo monstruoso, cujos tentaculos haviam um dia de enlear todos os continentes. A Escandinavia esquecera as proezas dos seus vikings, e entrára de novo no silencio, perdida na solidão do mar setentrional. A Russia, simples Moscovia então, mal começava a emergir das esteppas, que ao Oriente a delimitavam com a aridez do deserto, e das zonas glaciaes que ao norte a coroavam com o gelado diadema das eternas neves.

Pois n'um momento só todo este espectaculo mudou. Bastaram algumas leguas de costa africana descobertas, reduzindo ao seu justo valor a lenda até então universalmente acreditada do mar tenebroso, para que a altiva cidade dos Doges tivesse de abdicar a realeza, que povos e reis de commum accordo lhe haviam outhorgado. Luctou ella e os seus alliados naturaes para conservarem o monopo-

lio, que durante tantos seculos haviam explorado á vontade. Primeiramente foram empregadas, como arma preferida, as traças da diplomacia, em que os italianos se mostraram sempre tão eminentes. Depois, quando por estas artes viram que não conseguiam o fim desejado, enviaram o turco — seu fiel e interessado servidor — á India, para ali darem o golpe de morte nos rivaes, que era preciso a todo o custo destruir. Mas a fortuna não lhes foi propicia. A revolução geographica levada a cabo pelos portuguezes, com a descoberta do novo caminho para o Oriente, determinou a revolução politica, que conferiu a hegemonia aos paizes banhados pelo Atlantico, mais proximos da estrada, a um tempo para o Novo Mundo recem-descoberto e para o velho continente, como que chamado outra vez á vida pela voz do Gama.

Da revolução propriamente commercial, causa proxima da transformação politica que acabamos de referir, é quasi superfluidade occupar-nos e muito mais o seria se quizessemos n'ella insistir. Bastará dizer que Lisboa vê repentinamente mudados os seus destinos de simples capital de um pequeno reino converte-se na grande metropole do commercio universal, e aperta na sua dextra potente o sceptro dominador dos mares.

A revolução politica e a revolução commercial trazem como consequencia uma profunda revolução economica, que por não haver sido no primeiro momento tão evidente, nem por isso deixou de ter para a Europa os mais transcendentes resultados.

Sabe-se qual é o papel, que as especies metallicas representam na economia dos povos modernos, e as vantagens que esse meio de facilitação e regularisação das trocas apresenta, quando comparado com os processos rudimentares do escambo nas raças primitivas. Ao mesmo tempo a moeda metallica está intimamente ligada, e mais do que qualquer outra, á fluctuação dos preços das mercadorias, occasionando a sua maior ou menor escassez uma alta ou uma baixa correspondente nos generos por que se permuta.

A partir da antiguidade romana, que é aquella que mais directamente interessa aos povos do occidente, o *stock* metallico, representado em moeda, variou de modo muito sensivel, sendo causa em parte semelhante variação das novas condições economicas, que succederam ao periodo do Imperio. A quantidade de metaes preciosos — ouro e prata — accumulada em Roma e proveniente das depredações — verdadeiras *razzias* — effectuadas sobre os povos vencidos, depredações symbolisadas em todo o seu cynismo cruel no *vae victis*! do chefe gaulez, era enorme.

Na Edade media, a reacção mystica que se apoderou dos povos que se emanciparam do jugo romano, fez com que elles malbaratassem grande parte do metal precioso que tinham recebido como herança e o desviassem da sua funcção economica, fundindo-o para objectos de devoção e piedade religiosa, como cruzes, relicarios, calices, candelabros e outras alfaias do culto. As egrejas, os mosteiros e os sanctuarios converteram-se em depositos das immensas riquezas do mundo antigo, immobilisando em artigos de mera ostentação, e portanto de significação social negativa, os capitaes de que carecia o commercio e a industria, que, por falta de intermediario para as suas transacções e de materia prima e mão d'obra para os seus productos, definhavam a olhos vistos. O *stock* metallico em circulação diminuiu pois espantosamente, produzindo a baixa successiva dos preços até aos fins do seculo XV. Era o phenomeno economico de natural explicação, occasionado pela desproporção sempre crescente entre a offerta e a procura dos metaes preciosos para as necessidades quotidianas da vida. Realisam-se, porém, os descobrimentos. Na America os espanhoes começam a explorar essas minas, que vazam sobre a Europa, estonteada por tão subitanea opulencia, o ouro e a prata a flux. As especies metallicas, seguindo de perto a abundancia da materia prima correspondente, principiam por seu turno a affluir em quantidades prodigiosas á circulação.

Que se passa então na economia das nações europeias, até ahi habituadas ao regimen severo da contracção monetaria?

Um facto inexplicavel para a epocha, mas claro e evidente hoje, quando examinado á luz dos principios da economia politica. Os preços subiram rapidamente, elevando-se n'alguns casos ao dôbro, ao triplo, ao quadruplo, e lançando a perturbação e o desconcerto em todas as classes, principalmente n'aquellas em que o trabalho era a base da sua organisação. A par de tanta gloria, de tanta riqueza, com que o Novo Mundo parecia recompensar a coragem dos seus ousados descobridores, o mal estar geral na Europa ia crescendo todos os dias, as condições da vida cada vez se aggravavam mais, e o peor é que ninguem atinava nem com a causa do mal, nem por consequencia com o remedio a oppôr-lhe. E as minas do Perú e do Mexico continuavam a despejar sobre as nações do occidente os seus amaldiçoados thesouros, que já se affiguravam aos superticiosos companheiros de Pizarro e de Cortez como o presente fatidico, legado aos vencedores pela vingança implacavel dos aztèques, dos mayás e dos quichúas vencidos!...

Foi então que intervieram no complexo phenomeno economico,

que ameaçava transformar-se em tremenda revolução social, os descobrimentos portuguezes. Foi então que a obra de Portugal exerceu a sua acção benefica, corrigindo senão total, parcialmente ao menos, os males resultantes d'este desequilibrio. De que fórma? Em que condições? Por meio do derivativo do commercio oriental. Eu me explico.

Em todos os tempos, desde os mais antigos até aos actuaes, tem o Oriente sido o grande sorvedouro dos metaes preciosos. Necessidades de luxo e ostentação dos seus potentados; exigencias da ornamentação dos seus templos; e o capricho de amontoar, immobilisando-as, as enormes riquezas, que realisam ali em cada estado a lenda dos encantados thesouros das *Mil e uma Noites;* tudo isto concorreu para que a Asia, por nós descoberta, fosse pouco a pouco absorvendo uma parte da moeda de ouro e prata, que a exploração hespanhola da America estava todos os dias lançando na perturbada circulação da velha Europa. Essas moedas attrahidas para o Oriente, sempre soffrego de metal, lá ficavam para não mais sahir. Uma parte d'ella desamoedava-se para converter-se, como se disse, em objectos de mobiliario e de culto. A parte que permanecia cunhada, ia engrossar os mysteriosos thesouros dos rajás indianos e malaios. E assim, a exportação do numerario para os longinquos paizes do Nascente, serviu nos primeiros tempos, — emquanto as condições economicas da Europa não foram adquirindo maior elasticidade — de coefficiente de correcção a um desequilibrio que, sem esta interferencia, teria attingido os maiores aggravamentos. A perturbação na circulação monetaria deu-se, não ha duvida. Nem havia meio de a evitar, dada a exploração das minas americanas. Mas graças ao derivativo do commercio oriental, não foram os seus effeitos os que se teriam produzido, se a Europa houvesse ficado entregue a si mesma em face da inesperada crise, que de repente a assoberbou,

Depois da revolução politica, e depois da revolução commercial, com as consequencias economicas que apontámos, cumpre-me chamar a vossa attenção sobre a revolução geographica, que os descobrimentos dos portuguezes realisaram, tanto mais que esta revolução é o principal capitulo da minha conferencia d'hoje, e representa para o nosso paiz, no acontecimento que esta noite aqui celebramos, o seu mais puro titulo de gloria.

Até aos fins do seculo XIV, meus senhores, a summula dos conhecimentos geographicos da Europa do occidente é, com insignificantes variantes, a sciencia dos gregos, dos arabes e dos escriptores christãos da Edade Media. Ptolomeu, Edrisi e Cosmas Indicopleustes

são os prophetas maiores, diante de quem se curvam reverentes todas as escolas. O *nec plus ultra*, inscripto nas columnas d'Hercules, era a um tempo uma affirmação e uma intimativa. N'este ponto estavam de accordo a sciencia e a fé. Não se passava mais além, porque tudo terminava ali. Para diante começava o mar Tenebroso com todos os seus insondaveis mysterios. Segundo o geographo grego, o mais considerado dos tres *dii majores* a que acabamos de nos referir, para além do estreito principiava a zona torrida, inhabitada e inhabitavel para o homem e apenas povoada por phantasticos monstros, sem connexão alguma com as creaturas que viviam no resto do mundo conhecido. Onde começava esta zona torrida é o que, porém, se não podia precisar. Seria para lá da costa oceanica de Marrocos...

E pintava-se toda envolta em lendas, toda cercada do espesso veo do maravilhoso, que sobre a ignorancia d'essas paragens dez seculos de Edade Media tinham adensado.

Os proprios arabes, mais praticos, mais positivos e menos sujeitos á influencia d'esta atmosphera de superstições ridiculas, é verdade — assim o podemos dizer hoje — mas preponderantes até aos fins do seculo XIV, foram victimas das mesmas abusões, elles que tinham traduzido e commentado por todas as fórmas Ptolomeu, e que desde Al-Maçudi até Ibn-Batuta e Abulfeda haviam dado á Europa os melhores geographos e os mais eruditos viajantes, com excepção de Marco Pólo.

Não conta, com effeito, um dos seus escriptores muito a serio a viagem aventurosa dos tres maghrurinos que, pouco antes da conquista de Lisboa pelos soldados d'Affonso Henriques, d'esta cidade partiram, indo dar a umas ilhas encantadas, onde encontraram toda a casta de prodigios, sendo por fim obrigados a retroceder com os olhos vendados, para ficarem para sempre ignorando a posição exacta do paiz a que haviam aportado?

Isto escrevia Edrisi!...

E' mister transportar-nos em espirito a semelhante época, afim de fazer idéa approximada da energia de que necessitaram os nossos navegadores, para arrostar com todas essas tradições absurdas que se levantavam como insuperavel barreira a fechar-lhes o caminho... Eram paizes mysteriosos, povoados por alados monstros, promptos a devorarem quem d'elles se approximasse. Eram harpias sugadoras e gryphos de garra adunca, esvoaçando famintos sobre os rochedos batidos pelas ondas do mar austral a ferver. Eram montanhas de pedra iman, que emergiam do seio das aguas para at-

trahir os navios, que ousassem aventurar-se n'aquellas escuras paragens, arrancando-lhes a pregaria pela força magnetica, e deixando-os desconjuntados como as taboas soltas de fragil jangada. Eram hediondos cynocephalos; gigantescos animaes sem cabeça, de uma ferocidade inaudita; traiçoeiras sereias, unicamente occupadas em armar aos pobres marinheiros incautos toda a especie de ciladas. E arvores carregadas de fructos venenosos, cuja sombra amaldiçoada produzia a morte. E fontes d'onde escorria agua nauseabunda a escaldar. E montanhas, que impellidas por gigantes, se despenhavam com medonho fragor. E sobre todo este mundo terrivel, que jámais vista d'homem lográra contemplar, um ceo abrazador a dardejar chammas e em volta um oceano de fogo, a envolvel-o na cinta infernal da zona tenebrosa. Romper este circulo ferreo de superstições accumuladas desde a antiguidade, que fôra buscar às velhas mythologias e á tradição christã as paginas mais sombrias dos seus peores horrores, foi a obra capital dos navegadores portuguezes. Quando Colombo partiu a descobrir a America, encontrou a estrada já aberta e franca, policiada pelos navios de Lisboa; porque os terrores que por tantos seculos haviam detido as nações do Occidente para cá do cabo Bojador acabavam de se desfazer ante a audacia das caravellas lusitanas. Mas para se chegar a este resultado que epopeia de esforços nos não conta a historia das nossas navegações? De Porto Santo e Madeira ao Cabo Não, do Cabo Bojador ao Cabo da Boa Esperança, da Guiné á India, dos Açores ao Brazil, da Terra Nova á Australia, das Moluccas á China e ao Japão, que nação antiga ou moderna apresenta nos seus annaes semelhante Odysseia?

De Gil Eánnes a Fernão de Magalhães, passando por Bartholomeu Dias e pelo Gama, que povo do Oriente ou do Occidente se ufana de possuir tal galleria de nomes?

E se o quadro completo dos descobrimentos portuguezes é epicamente grandioso, quem ha ahi que não sinta pulsar com mais força o coração, ao relembrar o que seria o dramatico inicio de tão singulares feitos, quando na côrte do mestre d'Aviz, illuminada já pelos primeiros alvores da Renascença, a virtuosa rainha D. Philippa constituia o centro amoravel d'essa familia de heroes, que dentro em pouco haviam de levar o estandarte de Portugal vencedor a Ceuta, ponto de partida de todas as nossas futuras glorias? O que seriam, no paço, esses serões a um tempo litterarios e mysticos, quando á luz incerta dos tocheiros que povoavam de visões extranhas os pannos de Arrás pendurados nas paredes, cavalleiros e damas escuta-

vam enthusiasmados á leitura dos romances de cavallaria, as proezas relatadas nas historias de Roldão, do rei Arthur e do Sangraal, emquanto meio encoberto na sombra se destacava no vão de uma sacada, a olhar vagamente para o Tejo, a figura scismadora do infante D. Henrique? Foi ahi n'essas veladas patrioticas, que se preparou a primeira expedição, que nos havia de levar á Africa, e que o «principe navegador» retemperou o espirito para as extraordinarias emprezas, que meditava.

Muito se tem escripto ácerca do Infante D. Henrique, e muito se tem discreteado a respeito da influencia, que elle exerceu na historia dos nossos descobrimentos. Ha quem tudo lhe attribua, amesquinhando propositadamente os companheiros e os collaboradores, sem os quaes cousa alguma elle poderia ter conseguido. Ha tambem quem pretenda apoucal-o, chegando a negar-lhe qualquer acção decisiva no curso das viagens, que apenas nominalmente, diz-se, eram dirigidas por elle. Se ha evidentemente exageração nos dois modos de vêr tão oppostos, constitue ainda assim o segundo injustiça de tal maneira flagrante, que não foi necessario, que um Major lhe mostrasse a inconsistencia, para em nome da historia todos nós a repellirmos. Os que pretendem denegrir a memoria do grande Infante valem-se sobretudo da sua feição moral para o combater, como se não fosse exactamente sob este aspecto, que melhor se lhe desenham as proeminentes e indispensaveis qualidades para realisar a missão, a que devotou a vida inteira!

Teve o Infante D. Henrique defeitos. De accordo. Mas quem os não tem, se quizer pertencer á nossa imperfeita humanidade? Era physicamente antipathico pela severidade dos traços da physiognomia, e moralmente pouco attrahente pela dureza do coração. Ninguem o contesta. O sentimento moderno, mais compassivo e mais humano, não lhe perdóa o ter abandonado friamente um dos irmãos — D. Fernando — no captiveiro de Tanger, e o ter assistido em Alfarrobeira talvez com secreto regosijo, mas pelo menos indifferente, ao desastre do outro, o regente, a mais nobre figura de entre os filhos do mestre d'Aviz. Tambem é verdade. E no entretanto não é esta a medida por onde o valor historico do Infante D. Henrique deve afferir-se, porque jámais foi com semelhante criterio, que se julgaram os homens da sua estatura.

Os defeitos do infante D. Henrique representam a exageração, levada ao excesso, das virtudes que tão eminente o tornaram. Se tivesse tido uma feição moral differente, é possivel que Portugal houvesse ganho mais um caracter sympathico. A historia, porém, tinha

perdido com certeza um dos seus melhores representantes. Foi sacrificando os outros e sacrificando-se a si, com a implacavel inflexibilidade da sua vontade de ferro, que D. Henrique conseguiu vencer todos os obstaculos, e dominou todas as contrariedades, que se oppunham á realisação do ideal que sonhára.

Esmagou santas affeições de familia, a que devia como homem carinhoso respeito. Foi máo irmão, filho desamoravel, amigo calculador e egoista talvez. Mas aquelles que d'isso fazem cargo contra a sua memoria, e peor do que contra a sua memoria contra a sua obra, esquecem-se de que tão duro como para com os outros, foi-o elle para comsigo proprio. Pois que! não merece o agradecimento da posteridade esse principe que, podendo viver em meio dos prazeres faceis de uma das mais illustradas côrtes da Europa; cercado do conforto e das attenções a que lhe dava direito a sua alta posição junto do throno; adorado e adulado por todos, que á porfia disputariam as suas boas graças; um inutil, é verdade, mas um inutil feliz como tantos que em identica situação registra a nossa historia portugueza, preferiu consagrar a existencia inteira ao ingrato labôr de arrancar em proveito de Portugal o mysterioso segredo aos mares desconhecidos, renunciando com terrivel estoicismo a todas as alegrias e a todas as commodidades que jámais encontraram guarida no seu gabinete solitario de estudo?

E' ali no Promotorio Sacro, isolado nas suas meditações, sacerdote casto da dupla religião da sciencia e da patria, que a aspereza do viver do grande principe nos apparece sob um novo aspecto commovedor e sympathico, e que as arestas duras do seu caracter se amaciam — ali sósinho, em face do mar batido pelo vento d'Africa, que em cada bramido lhe traz uma furiosa imprecação, como se n'esse asceta de regia estirpe elle houvesse adivinhado já o seu futuro dominador!...

Por isso o D. Henrique de Sagres faz esquecer, com a irradiação que lhe emmoldura a figura epica, o D. Henrique de Tanger e d'Alfarrobeira; e por isso hoje a moderna geração portugueza, conscia do alto valor do illustre filho de D. João I, ajoelha agradecida deante da sua estatua, como no dia solemne, em que se commemora a realisação do sonho do Infante, a Europa e o Mundo devem ajoelhar deante do paiz que deu á Historia tal heroe!

Os descobrimentos por elle iniciados constituiram a grande revolução geographica, que duplicou a superficie do nosso planeta.

Até ao seculo XV, com effeito, o que se sabia do mundo quasi se cifrava no que a antiguidade conhecera. Da Europa eram conhe-

cidos os paizes mediterraneos, as nações atlanticas — de Portugal á Inglaterra — e a Allemanha com os estados vizinhos para a banda do Oriente até ao imperio turco. A Escandinavia, a Islandia e a Russia pertenciam ao dominio da lenda, onde vagamente apenas fluctuava o nome, a todo o momento deslocado por localisações differentes, da Ultima Thule.

Da Asia eram conhecidas a Anatolia, a Syria, a Persia e pouco mais; porque da India e da China apenas se sabia o que alguns raros viajantes d'estas regiões nos contavam em suas obras. A Oceania nem era suspeitada; e do Japão — do mysterioso Zipango — mal chegava até nós noticia tão incerta e tão vaga, que não se sabia bem se era echo de realidade longinqua, se amortecida irradiação d'algum velho mytho oriental.

O conhecimento da Africa limitava-se á parte norte d'este continente, isto é á zona que fôra conhecida e colonisada em parte pelos romanos, incluindo n'esta zona o Egypto. A costa occidental envolviam-n'a as trevas do Mar Tenebroso. E emquanto á costa oriental, embora ella fosse explorada pelos arabes, o seu conhecimento, ciosamente guardado como um segredo commercial, conservava-se fóra do alcance dos europeus.

Sobreveem, porém, os descobrimentos dos portuguezes, e este estreito circulo de conhecimentos geographicos alarga-se repentinamente, duplicando a superficie até ahi explorada do globo. Logo pelos meiados do seculo XIV, no reinado de Affonso IV se envia, segundo parece, uma primeira expedição ás ilhas Afortunadas, em pleno Oceano. Depois as perturbações, por que passou a nação durante os ultimos reinados da primeira dynastia, suspendem por algum tempo o proseguimento de novas viagens. Mas com a segunda dynastia o movimento accentua-se, tomando desde logo grandes proporções. Em 1418, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, descobrem a Ilha de Porto Santo e em 1419 a Ilha da Madeira. Em 1422 dobra-se o cabo Não, que o terror despertado pelas extravagantes lendas da Edade media até ahi impedira de transpôr. Em 1432 chega Gonçalo Velho Cabral á Ilha de Santa Maria, pertencente ao grupo dos Açôres, ilha que parece ter sido já descoberta no tempo de Affonso IV. Em 1434 Gil Eánes dobra o Cabo Bojador, segunda barreira que as superstições do tempo levantavam em frente dos nossos navegadores. Em 1436, Affonso Gonçalves Baldaya descobre o Rio do Ouro. Em 1441, Nuno Tristão descobre o Cabo Branco e em 1445 chega até á Senegambia. Em seguida descobrem-se as ilhas de Cabo Verde, a Costa da Mina e as ilhas de S. Thomé e Principe.

Em 1472, passam os marinheiros portuguezes o Equador e internam-se pelo hemispherio austral.

Até então tinham as viagens ao longo d'Africa sido, por assim dizer, simples reconhecimentos. O passo capital na historia dos descobrimentos ia, porém, dar-se. No reinado de D. João II, Diogo Cão e Diogo d'Azambuja exploram minuciosamente toda a costa africana até ahi descoberta, — a Guiné, Angola e Benguela. Finalmente, em 1487 Bartholomeu Dias, a cujos esforços e trabalhos até hoje tão pouca justiça se tem feito, chega ao cabo das Tormentas, da outra banda do qual se estendia já sem obstaculos o caminho para a India; e dez annos depois, em 1497 partia do porto de Lisboa, além... da praia do Restello, a esquadra commandada por Vasco da Gama, a qual no anno seguinte surgia no porto de Calicut, na costa occidental do Indostão.

D'ahi a dois annos, em 1500, Pedro Alvares Cabral, não em virtude de uma tempestade nem das correntes oceanicas, como falsamente por muito tempo se suppoz, mas de proposito, mandado ahi a occultas pelo rei de Portugal, descobre o Brazil. No outro hemispherio americano, em 1561, Gaspar Corte Real, navegando para o noroeste, descobre a Terra Nova. Do lado da Asia em 1530, Sousa Tavares chega até Bassorá, no fundo do golpho Persico, e em 1541, Estevam da Gama e D. João de Castro exploram todo o Mar Vermelho.

Mas as mais inesperadas descobertas fazem-n'as ainda os portuguezes nos mares do extremo oriente, depois de realisada a portentosa Odyssea que acabamos de descrever. Chegar até ao Industão e dominar o Atlantico e o mar das Indias era pouco para o genio aventureiro dos nossos navegadores. Outros mares aguardavam novas proezas dos portuguezes!

Logo após a tomada de Malaca em 1511, o grande Affonso d'Albuquerque, para o qual o imperio, que tinha por limites ao occidente Ormuz e ao oriente a cidade de Malaca, ainda era pequeno, mandou Francisco Serrão e Antonio d'Abreu com tres navios a explorar o mar das Molucas, resultando d'esta exploração a descoberta de Java, de Madura, de Amboina e de Banda. Em 1526 Jorge de Menezes descobre a Nova Guiné. Igualmente por essa epocha foram descobertas as ilhas de Sumatra, Bornéo e o archipelago de Sonda, adiantando-se os portuguezes até á Australia, cujas costas septentrionaes lhes foram conhecidas.

Em direcção mais ao norte os nossos navegadores internaram-se pelos mares da China e do Japão, chegando em 1517 Peres d'An-

drade ás ilhas de Pulo-Condor, e em 1518 a Cantão. Em 1520 e 1521 visitámos Nankim e Pekim, fixando-se Portugal definitivamente em Macau no anno de 1557.

Em 1542 o extraordinario viajante Fernão Mendes Pinto, que póde bem ser appellidado o Marco Polo portuguez, descobre o Japão, o mysterioso Zipango, sendo este archipelago mais tarde, em 1549, visitado por S. Francisco Xavier, o afamado apostolo das Indias.

Por ultimo, e para fechar com chave d'oiro este maravilhoso cyclo, em 1520 Fernão de Magalhães chega ao estreito, que ainda hoje tem o seu nome, entre a ponta extrema da America Meridional e a Terra do Fogo, e, passando o Oceano Pacifico, realisa a primeira viagem de circumnavegação do globo.

Estava terminada a cruzada dos descobrimentos, e mais do que duplicada a superficie da terra conhecida. Revolução geographica sem par na historia de todos os tempos, importa a obra dos portuguezes ao mesmo passo uma revolução profunda em todas as sciencias, que com a geographia se relacionam. A ethnographia teve então noticia de novos grupos humanos, para preencher o quadro das suas classificações incompletas. A linguistica só se tornou possivel, como disciplina de methodo rigoroso, depois que esteve de posse do enorme material que o conhecimento de tantas sciencias, até então ignoradas, lhe forneceu. O orientalismo, isto é, a revelação assombrosa das velhas civilisações extinctas, que outr'ora encheram com a sua fama o mundo asiatico, só pôde surgir á voz dos William Jones, dos Colebrooke, dos Rawlinson e de tantos outros eruditos, depois que pela audacia dos nossos marinheiros se lhes tornaram accessiveis as terras, onde jaziam os vestigios dos imperios evocados por elles á vida historica. E o que teriam sido, sem o prévio e directo conhecimento das terras aonde aportou o Gama e por onde mais tarde se espalharam os continuadores da sua obra, a mythologia comparada, a sciencia das religiões, o direito comparativo indo-europeu, para não fallar especialmente da archeologia e da philologia indiana, que, mais do que nenhum outro ramo das sciencias philologicas, tanto contribuiram para a systematisação das origens do nosso mundo moderno?

Isto pelo que respeita ás sciencias sociaes ou historicas. Mas nos outros dominios scientificos não foi a revolução menos importante. Outra fauna, outra flora, outros céus, outras terras e outros mares, offereceram novos elementos á observação n'um campo inteiramente novo, inexplorado até ahi. E constituiram-se então: a nova botanica,

a nova zoologia, a nova anthropologia, a nova geographia, a nova ethnologia, assentes na base definitiva, que lhes forneceu o criterio comparativo, consequencia fatal e logica das condições inteiramente diversas em que passava a ser estudada toda a phenomenalidade do mundo, enriquecida pelos nossos navegadores de tão inesperada maneira.

Mas para que amontoar, n'esta brevissima resenha, mais factos a provarem a influencia dos descobrimentos na historia da civilisação? E' o caso de se repetir o *in eo sumus et vivimus*. Vivemos na atmosphera por elles creada, que por todos os lados ainda hoje nos envolve, penetrando como ether subtil e vivificador todas as manifestações da existencia da Europa a partir do seculo XVI. São elles ao mesmo tempo a razão de ser d'esta civilisação europeia, de que tanto nos orgulhamos e cujo periodo moderno inaugurámos; e são a guarda e o amparo do nosso querido Portugal, cuja independencia e soberania firmáram em alicerces inabalaveis, que hão de resistir aos mais contrarios vaevens do destino, assim o cremos, emquanto em terras d'além-mar se soletrarem na lingua portugueza, embora nos disticos meio apagados de velhas fortalezas derruidas, os nomes para sempre immortaes dos heroes do Oriente!...

Disse um famoso orador hespanhol, fallando de Colombo, que tão arreigada fôra a crença do illustre genovez na descoberta do Novo Mundo, que, ainda quando a America não existisse, a Providencia a devêra fazer surgir do seio das aguas para recompensar tamanha fé.

Que diremos então nós da fé e da constancia dos navegadores portuguezes, que, pelo dilatado periodo de um seculo, vencendo todos os obstaculos, impondo-se a todas as circumstancias, ainda as mais difficeis e desanimadoras, triumphando de todos os perigos — os que lhes vinham dos homens e os que lhes provinham da natureza — souberam com uma persistencia, unica na historia, proseguir no plano que o grande Infante concebera e que os continuadores da sua obra com tão singular exito ultimáram?...

Ainda ha pouco, minhas senhoras e meus senhores, a nação noruegueza impulsionada pelo mais bello sentimento que póde fazer palpitar o coração de um povo, se levantava em massa para receber por entre festas e acclamações, que tão grande echo tiveram em todo o mundo civilisado, Nansen, o filho dilecto, que voltava da viagem que ha tres annos emprehendera ao pólo Norte.

Não houve distincção que não fosse conferida ao ousado marinheiro, que tentara penetrar, embora sem o conseguir, o segredo que ainda hoje envolve n'um manto de impenetraveis gelos o ponto

mathematico, em torno do qual gira do lado do septentrião o nosso planeta.

Desde o rei até ao ultimo dos concidadãos do celebre navegador, todos á porfia disputavam a honra de lhe offerecer em nome da patria, orgulhosa pelo seu feito, o tributo da gratidão nacional. E a Europa, associando-se ao enthusiasmo da Noruega, coroou jubilosamente o heroe, homologando com o veredicto das mais illustres sociedades scientificas a consagração, que os seus lhe haviam feito.

No entanto o que é a obra de Nansen, comparada com a do Gama? Pelo que respeita ao fim visado, não obstante toda a sua heroica coragem, teve o illustre *viking* de retroceder, sem alcançar o que promettera ao partir, pois que se viu forçado a renunciar á conquista do pólo, que, como a miragem de um conto phantastico, lhe fugiu exactamente no momento em que julgava tel-o tocado.

Se da consideração do fim proposto passamos a attentar nos elementos de que respectivamente dispunham o navegador portuguez do seculo XV e o explorador noruego do seculo XIX, que enorme, que incommensuravel differença entre a escassez dos meios e a deficiencia de cabedal scientifico, que tão arriscada tornavam a viagem aventurosa do primeiro, exposta a todas as inesperadas contingencias do desconhecido, impossiveis de prever em similhante epocha, e a organisação technica da expedição do segundo, armada com os ultimos aperfeiçoamentos da sciencia, da arte e da industria, expedição em que cada probabilidade favoravel ou contraria foi pesada de antemão, e em que o partido a tirar do proprio insuccesso foi rigorosamente calculado e previsto?

E depois, que comparação póde existir tambem, sob o ponto de vista dos resultados, entre a loucura sublime, não ha duvida, mas loucura sempre e que tantas victimas tem custado já, de tentar por mera curiosidade de saber, attingir em meio das eternas solidões do gelado norte o ponto mathematico que se denomina o pólo, com realidade apenas theorica, e descoberto o qual finalmente, quem sabe quando? tudo n'aquellas desoladas regiões continuará como d'antes cerrado ao contacto do resto do mundo; que comparação póde existir entre esta loucura, producto da nevrose scientifica do nosso seculo, e a epica viagem que nos fins do seculo XV, uniu em um hymeneu de ouro o Occidente e o Oriente, que desde então não mais tornaram a separar-se, e de cuja juncção fecunda resultaram para todas as nações da moderna Europa e da velha Asia as consequencias transcendentes, a que nos temos estado referindo esta noite?

Aprendamos, pois, meus senhores, com os eloquentes exemplos

que nos veem de fóra, a honrar a memoria dos que empunhando a bandeira portugueza, e em nome da patria querida, deixaram na historia um rasto de luz, que não se apagará jámais.

Só morrem os povos que merecem morrer. E só são dignos da morte os que esquecem, por uma criminosa indifferença, quasi equivalente a um covarde suicidio, as paginas mais brilhantes do seu passado.

Tenho dito.

Para a reconstituição do presente discurso, cuja publicação foi retardada por um accidente luctuoso, que por algum tempo impediu o conferente de occupar-se da revisão das provas, foram-nos de inapreciavel auxilio os extractos publicados no *Diario de Noticias*, *Seculo* e *Vanguarda*.